

“O CAPITALISM

Filósofo analisa o momento p

Por Aray Nabuco e Lilian Primi

Ao olhar para os cenários global e brasileiro pós-Jornadas de Junho, com o crescimento da direita, as novas estratégias capitalistas e os percalços do Partido dos Trabalhadores, o filósofo Paulo Arantes não esconde o ceticismo com a política institucional, tampouco poupa críticas à esquerda. Com um olhar aguçado de um dos intelectuais mais respeitados do País, detecta as mudanças pelas quais passa a sociedade – e o capitalismo – e que vêm colocando em xeque partidos, governos e toda uma tradição política militante.

Caros Amigos conversou por mais de duas horas na redação com o filósofo sobre um sortido de temas que vai da campanha eleitoral que quase tirou o PT do poder e as dificuldades pelas quais passa o partido; da crise do capitalismo e até o avanço conservador e os novos cenários e personagens políticos que emergiram nas Jornadas de Junho e para ficar. Das respostas – que por uma exceção concedida pela redação ele pôde revisar as respostas devido a referências de obras e fatos – surgem análises muito apropriadas a esses “novos tempos” protagonizados por militantes independentes, mascarados, crise de representatividade, coletivos ou uma direita raivosa e abusada que vai para rua erguer suas bandeiras conservadoras, entre outras novidades.

Caros Amigos – O senhor é um dos fundadores do PSol...

Paulo Arantes – Sim, assinei a ata de fundação. Estava em boa companhia: Chico de Oliveira, Carlos Nelson Coutinho, Ricardo Antunes, e tantos outros igualmente escandalizados com a reviravolta petista, que acabara de beijar a cruz. E, uma vez de joelhos, teria de rezar. Não se tratava apenas de escolhas macroeconômicas reversíveis, mas de toda uma virada de época. Sem volta, como a presidente Dilma está comprovando agora, beijando a cruz uma segunda vez. A vantagem de Lula em 2018 é que se rerepresentará com a dita-cuja beijada duas vezes. Se voltar a chover na horta das *commodities* será “o cara” novamente. Mas com a mudança climática em curso, daqui pra frente chuva e seca serão, sobretudo, eventos extremos. E não vai dar pra mandar a conta para a reação conservadora de turno.

Como viu a campanha para presidente?

O mesmo circo fetichista de sempre, só que pior a cada edição. Todo mundo sabe que naquela engrenagem nada mais é para valer, que todos aqueles rituais estão vazios, e, no entanto entram em cena e atuam como se não soubessem. Refiro-me à esquerda, é claro. A direita sempre soube.

E o desempenho de Luciana Genro? Votou nela?

Saiu melhor do que a encomenda. Defendeu com brio e galhardia seu papel de grilo falante esquerdista, como o Plínio na última eleição presidencial. Não digo isso para desmerecer, é o que restou, e não é pouco: fazer-se de desentendido em pleno picadeiro é uma arte. Tiradas à parte, o fato é que tanto a candidata quanto o PSol souberam como crescer na pauta dos valores de sociedade, a agenda da vez. Por não precisarem pagar o mico de ser governo, podiam se dar ao luxo do inegociável, e nisso desafiar a intransigência da nova direita.

Votou nela?

Não, não votei. Mas avisei com bastante antecedência. Pedir votos depois de junho, nem pensar. Num dos primeiros balanços daquela onda de protestos, um jornalista não se acanhou em descrevê-los nos mesmos termos em que Lênin caracterizava uma situação revolucionária: nem o povo aceita mais ser governado como vinha sendo, nem os dominantes conseguem fazê-lo de outro modo. Junho apenas deu a medida descomunal do desencontro. É preciso acrescentar que não voto para cargo executivo desde 2002. E mesmo assim, não fui lá muito convicto com aquele voto, mas ainda valia a pena testar uma mudança da guarda no alto comando. De fato mudou, mas numa direção que ninguém previa.

O senhor milita para o partido?

Não, minha contribuição restringiu-se ao mencionado ato de fundação.

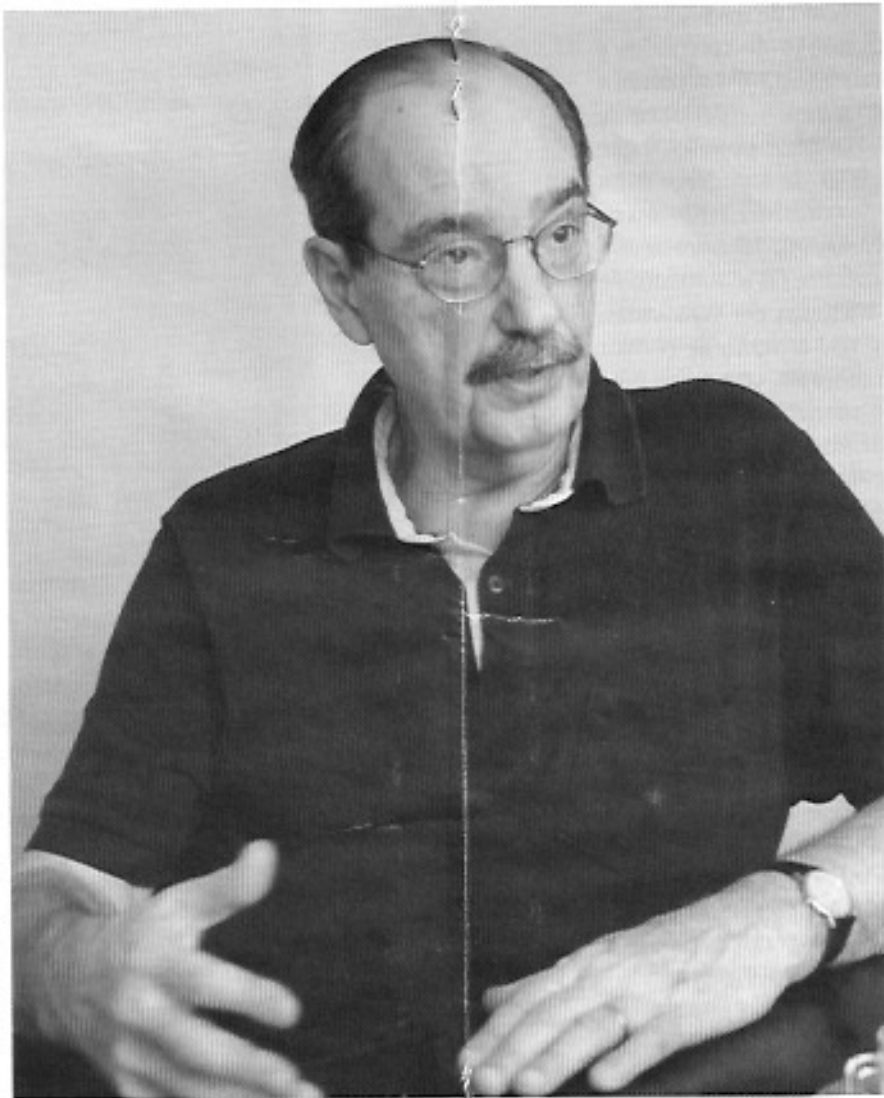
O PSol saiu da campanha fortalecido. O partido está se tornando, grosso modo, o que o PT foi nos anos 80 e 90, um depositário da esperança de reformas reais etc.?

Fantasia. Além do mais, anacrônica. O que o PT não fez em mais de trinta anos de hegemonia à esquerda, não seria um similar em ponto menor que chamaria para si a responsabilidade de tirar o atraso. O que significaria hoje

apresentar-se como "depositário da esperança de reformas reais"? Francamente. O etc. que fecha a pergunta já diz tudo, abrevia a cansada retórica inútil de enumerar todos os pontos clássicos de uma plataforma vencida. Não foi por crueldade social que o lulismo enterrou a reforma agrária, ou realizou uma verdadeira antirreforma urbana, coroada pelo monstrengo do Minha Casa Minha Vida, que deixa no chinelo os BNHs militares. Foi o que acabamos de ver. Enquanto um sonho de época se desfazia, outro decolava. E não por acaso ambos giravam em torno de um sonho encaixado no imaginário possessivo capitalista, o da casa própria. Quando se diz que o Brasil mudou, é para valer, não se trata de maré conjuntural. A partir do momento em que despertamos do sonho de uma sociedade do trabalho em construção, deixamos de ser uma comunidade política de expectativas imaginadas e nos tornamos uma comunidade de escolhas de produtos políticos oferecidos pelos governantes de turno e comprados, ou rejeitados, caso não satisfaçam determinado "sonho", pelos agentes de um novo mercado, o da cidadania.

Como o senhor viu o apoio de parlamentares do PSol à Dilma no segundo turno?

Foi coerente. São membros da mesma família histórica perdida no tempo. Compartilham a mesma memória política, internacional inclusi-



ve. Sempre haverá uma hora dramática, eleitoral para variar, de cerrar fileiras e levantar os punhos para esmagar o ovo da serpente. Depois a vida continua, piorada.

Já há quem defenda que Marcelo Freixo saia para prefeito. Como vacinar o PSol para não repetir as vicissitudes da "governabilidade"?

Se meu título eleitoral fosse carioca, precisaria amarrar a mão para não votar no Marcelo Freixo. Não há "vacina", pois além do candidato ser ótimo, as chances são reais diante do avançado estado de gangrena política do Rio de Janeiro. Depois da festa, restará o acerto com os reais donos da

cidade, pois se trata de um caso especial de governo direto de um território urbano pelas empresas. Mas pensando bem, não era esse o raciocínio que se fazia para assinalar o impensável de uma vitória lulista? E, no entanto, a analogia não cabe mais no Brasil de agora. O PSol também está mudando, é cada vez menos um partido socialista clássico confinado ao extremo do espectro, e cada vez mais também um partido de nicho, pelo menos foi essa a tendência que saiu fortalecida nas eleições. Como se diz no mundo em que os governantes governam, a agenda anda, e encontra-se no momento em seu quarto estágio. Depois de encerrar o capítulo ditadura por disfuncional, estabilizar a moeda inflacionada, reconstituir o mercado interno de consumo de massa, dito também

conservadora no mundo todo

de inclusão social, entramos, tardiamente para variar, na etapa da polarização por motivo de confrontos inegociáveis em torno de valores, fenômeno que nos Estados Unidos, onde parece que tudo começou no fim dos anos 80, foi batizado de guerras culturais. Do ponto de vista das campanhas eleitorais, o corte é ideal, é a festa dos marqueteiros arrombando portas abertas a preço de ouro. Basta enumerar as trincheiras para saber quem é inimigo de quem: aborto; casamento para todos; maioria penal; todos os abolicionismos, do penal ao das drogas; controle de armas e desmilitarização das polícias; e claro, o decálogo LGBT, para ficarmos nos mais votados. Sem ironia. O céu aqui é o limite. Na França da Lei do Véu, já andaram botando fogo em presépio porque a república é laica. Até o aquecimento global já entrou na dança, dependendo de qual lado do *front* você esteja, será rotulado de profeta da desgraça ou negacionista. Como o regime presentista sob o qual vivemos nos tornou jurídica e politicamente contemporâneos de tudo e todos, as guerras culturais alcançaram a Conquista, a Escravidão, a Colonização, a lista em princípio não teria mais fim. Diz-se que no recreio dos liceus franceses a moçada se atraca xingando uns aos outros de colaboracionistas de Vichy ou cúmplices dos processos de Moscou. Já dá para perceber que cavando mais fundo nas ditas guerras culturais esbarramos na mesma lógica do acerto de contas, que ninguém se mostra mais interessado em abrir qualquer porta, do passado ou do futuro, dar enfim uma chance para a história avançar, como se dizia. Ai tem coisa, mal descrita pela bipartição usual entre conservadores e progressistas. Dou mais um exemplo e volto ao nosso possível candidato no Rio. O grito de guerra coxinha “vai pra Cuba” é menos estapafúrdio do que parece. Sem dúvida é um grito da má consciência depois da baixaria corporativista com os médicos cubanos, somada ao complexo da merda de nossa saúde pública (a privada é quase a mesma merda, só que paga) e muitos sintomas mais, sabidos e não sabidos. Nesse grito extemporâneo que é de fato uma ameaça e não um *folder* turístico, tudo se passa como se a Revolução Cubana tivesse estourado na semana passada. Pois bem, o nosso possível candidato no Rio retira sua força por ser um resumo desse quarto estágio da agenda eleitoral, e não um resumo qualquer, mas o de um vencedor

no combate às milícias, só para lembrar que a gestão direta da cidade pelas empresas conta com uma linha auxiliar armada. Terá, portanto, força para negociar. E se ganhar, pelo menos nos cem dias de trégua que a praxe talvez lhe conceda, terá quem sabe mostrado que é possível passar a limpo no velho repertório socialista a nova linha da quarta agenda: que os direitos humanos são de fato a última trincheira da luta de classes. Disso tudo reteria a menção à estação derradeira, à última utopia, a dos direitos humanos, na opinião de um estudioso americano, Samuel Mohyn.

O senhor acha que o cenário que vimos na campanha tem relação com as Jornadas de Junho de 2013?

É claro que tem relação com as Jornadas de Junho. Rompeu-se um dique e houve uma inundação coxinha como nunca se vira. Toda essa água represada estava lá fazia tempo, ruminando em silêncio uma vingança qualquer, de repente o levante. Como o repertório governista é muito restrito e datado, concentraram-se nas duas teclas conhecidas, provocação esquerdista e conspiração midiática. Depois na campanha eleitoral foi o que se viu, havia uma raiva nova pairando no ar. A inédita vitória nas ruas de junho dera à legião coxinha a confiança que faltava. Ganhar no braço, e em movimento, correr da rua todos os vermelhos, reais e imaginários. Era uma questão de lógica que se completasse o serviço na eleição, e quase conseguiram, redobrando a fúria pela decepção de última hora na apuração. Parece psicologia social de bolso, e talvez seja. Penso, todavia que foi o desrecalque do grande medo de 2002, pelo qual nunca pedoaram seus responsáveis, no fundo inocentes, pois não pretendiam assustar ninguém. Até mandaram carta. Fico acanhado ao ter que lembrar que ódio de classe no Brasil não tem cura. Nossa sociologia crítica formou-se procurando esclarecer a natureza desse misto de ódio e pânico provocado por toda e qualquer iniciativa destinada a aliviar a carga de opressão secular que desde a origem sufoca aqueles que se encontram na base da pirâmide. Entre tantas outras razões, concluiu-se até que era tão fundo e ancestral esse pavor que o povo esbulhado chegou a vislumbrar na relação de assalariamento uma via de escape relativo através do acesso a

alguns direitos contratuais, tal a brutalidade da luta de classes básica em nosso País, a dos proprietários contra os sem nada, por aqui mexeu na propriedade homem vira bicho. Esse o segredo da mágica varguista. Pois vinte anos de ditadura baseada na tortura como política de Estado vieram para dar um suplemento de cruzada anti-comunista a essa perene dessolidarização social, que é onde permanecemos meio século depois do golpe, longevidade que se explica também pelos novos medos inoculados desde então, não sendo o menor deles o temor reverencial pelos militares, como se pode ver agora no show de impotência da esforçada Comissão Nacional da Verdade. Dito isso, acontece que a gesticulação acintosa da direita que quase levou tudo

na última temporada, as ruas de junho, o Congresso, a Presidência por um fio, ofuscou um quadro muito mais complicado de divisão social que esse clássico campo contra campo. Não dá para continuar ignorando a expressiva votação da direita no campo popular. Quer dizer, aos poucos o pacto conservador que emoldurou o lulismo está reconduzindo o voto popular ao seu trilho histórico, desde a orfandade varguista. Um ano ou dois antes de junho já não eram mais tão raros os coletivos militantes na periferia de São Paulo, que ao relatarem sua condição de estafa e desespero, ressaltavam um quadro profundo de preconceito, fobias políticas e vale-tudo de todos os gêneros. Portanto, devagar com o andar quando uma direita popular se insurge contra os pretensos vermelhos governistas.

Surgiram das jornadas dois novos perfis: uma esquerda jovem e desapegada de partidos e uma direita raivosa, que vai para rua, que usa as técnicas de manifestações que eram próprias da esquerda. Já conseguimos entender esse fenômeno?

Como acabamos de falar da direita, vamos às novidades da esquerda. Historicamente, a esquerda no Brasil, todas as nuances confundidas, sempre foi mais a favor do que contra. Até a história jogaria a favor de um país periférico, condenado a avançar queimando etapas, condenado ao moderno, como se dizia, e sendo o moderno, capitalista por definição, contávamos com a mola propulsora da acumulação para efetuar nossa travessia da Colônia à Nação. Como até o assalariamento chegou a ser visto como uma alforria do jugo proprietário e a ordem social competitiva, um ideal superador do Antigo Regime, era natural que fôssemos mais anti-imperialistas do que anticapitalistas, sendo esta última atitude, aliás rara, anátema e sinônima de regressão romântica, como era costume dizer. Mesmo o esforço superador da condição subdesenvolvida era menos revolucionário do que industrializante,

e centrado no protagonismo estatal. Dessa narrativa mítica, porém com forte apoio na realidade, surgiu uma esquerda devota do desenvolvimento pleno das forças produtivas e, por assim dizer, empenhada em botar para trabalhar cada vez mais gente. Não diria que não deu outra porque deu uma coisa completamente inusitada. Corta para nosso momento Bric. Deixamos o subdesenvolvimento por uma condição dita emergente que nos alinha com outras economias capitalistas de Estado disputando com os

velhos detentores da riqueza oligárquica mundial todo tipo de recursos de poder. E quais os mais desenvolvidos e ferrosos combatentes desse combate pela História? A nossa velha e boa esquerda incansável de guerra, metida

inclusive, desde que se tornou a parte mais esclarecida do bloco dirigente, nessa outra insana batalha de convencimento de uma recalcitrante burguesia, rebatizada muito a propósito de interna e não mais nacional. Pois enquanto vigorou, o consenso lulista entre proprietários dos meios de produção e seus gestores "populares" produziu outro consenso não menos perverso acerca de quem é quem dentro e fora do pacto da prosperidade emergente, em suma, saber de quem podemos passar por cima, basta estar atravessado no caminho de uma nova fronteira de acumulação, no geral por apropriação direta e em escala mega, do imobiliário à mineração. Mas só começamos a perceber no que andava metida a esquerda de governo, menos pelas famigeradas parcerias de tudo com todos, quando se multiplicaram e intensificaram os despejos selvagens, as remoções forçadas, os desaparecimentos nas periferias. Vou poupá-los dos mundos e fundos do sindicalismo financeirizado, da fratura do precariado, para não falar da "classe" alinhada com os megaprojetos ou com os empregos gerados por uma próspera indústria hélica, à qual vieram se juntar também as empreiteiras. Ai já era tarde, o capitalismo popular havia ampliado o campo da lei e da ordem, um mundo ameaçado por forças oponentes, sabotagens e agentes provocadores. Até que houve a explosão de junho, e os agentes oficiais do capitalismo popular de uma potência emergente de renda média se defrontaram nas ruas com uma exótica e incompreensível esquerda, recém desembarcada de um planeta desconhecido chamado anticapitalismo. Mais desconcertante ainda, foram nocauteados por um enxame de pivetes. Só agora, atônitos, ao se sentirem prestes a serem defenestrados com a mudança de maré do mesmo rentismo no qual estavam enterrados até o pescoço, saíram a campo para cortejá-los e ampliar o cadastro dos movimentos. Como a mágica está chegando ao fim, parece que não vai dar certo. E, no entanto, essa esquerda anticapitalista

amplamente minoritária fazia pelo menos uma década que manifestava pela ação direta de rua uma nota dissonante que até então no máximo atrapalhava o trânsito. Até que esse atrapalho entrou na total contramão da política tal como a conhecemos, nem mediação, nem representação e todos os seus derivados e similares no repertório básico da esquerda histórica. Que reagiu à altura de seus fantasmas. Sobrou para todo mundo: levante nillista, tumulto fascista, gangues mascaradas e coisas do gênero. Digerir a novidade? Nem pensar. Até hoje não engoliram o fato abominável de que talvez haja uma ideia nova no País contrariando um século de nacional-progressismo com todo seu cortejo de comandos e transmissão de palavras de ordem. Para piorar a maldição que paira sobre a ideia impatriótica de arquivar o senso comum nacional-popular, é que tal ideia intragável deu o ar de sua graça num momento de disseminação máxima entre o comum dos mortais, obrigados por lei a votar e a legitimar governos inoperantes, do sentimento de que a política não faz diferença em suas vidas. Ou quando a diferença é real a ponto de reduzir o sofrimento da pobreza extrema, como nos programas de transferência monetária condicionada, ela não é conquista de uma luta coletiva, mas efeito de um híbrido que deixaria Weber falando sozinho, racionalidade administrativa e carisma.

Não é mesmo fácil digerir essa ideia ainda não inteiramente identificada, acho que a ideia da geração que vem. Pois esta geração terá sido educada pela experiência de um sistema que se decompõe sem a contribuição de qualquer inimigo estruturalmente designado para abatê-lo. É totalmente vã a procura do sujeito antagônico clássico, pois seu apodrecimento ocorre pela inexistência de qualquer molécula anticapitalista. A gangrena de um sistema que não cresce mais e só produz dívidas se alastra sendo todos a favor. Enquanto houver planeta para consumir, governos que cortam gastos e liquidam ativos públicos continuarão a ser reeleitos. E os governos auto-intitulados progressistas da América Latina estão entre os principais devoradores do planeta, sem falar que, como mostrou recentemente uma pesquisa de Lena Lavinas, para o Sul Global, o modelo de Transferências Monetárias Condicionadas (CCT, na sigla em inglês) revelou-se uma eficiente política de financeirização da pobreza. É isso aí. Como notou um insuspeito sociólogo alemão, ao dismantelar qualquer oposição, o capitalismo está morrendo de uma overdose de si mesmo. Creio que é isso mesmo que no fundo está dizendo Linda Tirado, num livro extraordinário sobre a vida dos trabalhadores pobres nos Estados Unidos hoje, ao responder ao preconceito mais difundido acerca dos pobres: por que vocês fazem coisas tão autodestrutivas? A propósito, por falar no esgotamento real das energias utópicas, recomendo as páginas de Linda sobre o cansaço, e como a raiva é abafada quando se está estupidamente cansado. Tanto quanto um sistema que passou a operar

em conjunto no modo "fim de jogo": na base, tornou-se racional para os pobres passar a *junk food*; no topo, é cada vez maior a tentação de "vender tudo, pegar o dinheiro, queimar as pontes e deixar para trás apenas terra arrasada" e mesmo as esquerdas outrora organizadas hoje se encontram tão incapacitadas pela própria anomia do sistema que não conseguem mais nem mesmo salvá-lo, como na última grande guerra, o que dirá então derrotá-lo, soterradas pelo peso dos desastres diários. Restam os motins obviamente auto-destrutivos. Ninguém mais está disposto a esperar mais nada.

Esse – vamos chamar de – "desgaste" do PT, os problemas na economia, são sintomas de que o partido cumpriu seu ciclo no governo? Quer dizer, parte dos que estão decepcionados enxergam o PT hoje como um partido como outro qualquer.

Como de fato todo um ciclo chegou ao fim, os balanços mais isentos não deveriam tardar. Acontece que se está verificando o oposto no clima de fim de feira de agora, pois também aumentou a cegueira da esquerda a seu próprio respeito. Mesmo a política de frente única que está se anunciando é meramente defensiva, além de chegar muito tarde, de fato para o enterro dos ossos de um programa que nem chegou a entrar em campo quando ainda havia chances, bem lá atrás. Precisamos saber o que realmente se desgastou agora que o PT luta apenas para sobreviver. Entre tantas outras iniciativas memoráveis, vou me concentrar na mais notável, a meu ver. O PT simplesmente inventou o governo de esquerda no Brasil, algo sem paralelo em nossa memória política. E isso muito antes de alcançar o poder executivo federal. Não sabíamos o que era isso. Salvo por contraste, tampouco ajuda a comparação com a social democracia, para não falar no eurocomunismo. Volto a lembrar que o Estado Social europeu é fruto do pacto político do pós-guerra. Por mais que aquele arranjo tenha confirmado as funções de acumulação e legitimação cumpridas pelo Estado então reconstruído com a reorganização do capitalismo depois da Grande Depressão e da Guerra, e a consequente funcionalidade de todas as instituições do *Welfare*, é bom não perder de vista que a força social capaz de impor aquela virada distributiva teria faltado não fosse a clareza do recado enviado a uma burguesia no geral contivente com o fascismo derrotado na guerra: nem pensar em voltar ao estado de coisas anterior ao conflito de 1914-1945, a república será social ou a revolução voltará à ordem do dia como em novembro de 1918 na Alemanha. Que *Welfare* de verdade se poderia esperar de uma transição pactuada com uma ditadura que não foi sequer desarmada? E no entanto, encontrou-se um caminho do meio absolutamente

"O PSOL TAM
MUDANDO, É CAD
UM PARTIDO
CLÁSSICO COM
EXTREMO DO E
CADA VEZ MAIS
PARTIDO DI

de jogo": na base, tor-
res passar a junk food;
a tentação de "vender
eimar as pontes e dei-
arrasada" e mesmo as
adas hoje se encontram
pria anomia do siste-
mais nem mesmo sal-
nde guerra, o que dirá
is pelo peso dos desas-
tins obviamente auto-
está disposto a espe-

- "desgaste" do PT, os
sintomas de que o par-
verno? Quer dizer, par-
idos enxergam o PT hoje
ro qualquer.

o ciclo chegou ao fim, os
deveriam tardar. Acon-
o o oposto no clima de
ambém aumentou a ce-
rôprio respeito. Mesmo
e está se anunciando é
de chegar muito tarde,

"O PSOL TAMBÉM ESTÁ MUDANDO, É CADA VEZ MENOS UM PARTIDO SOCIALISTA CLÁSSICO CONFINADO AO EXTREMO DO ESPECTRO, E CADA VEZ MAIS TAMBÉM UM PARTIDO DE NICHO"

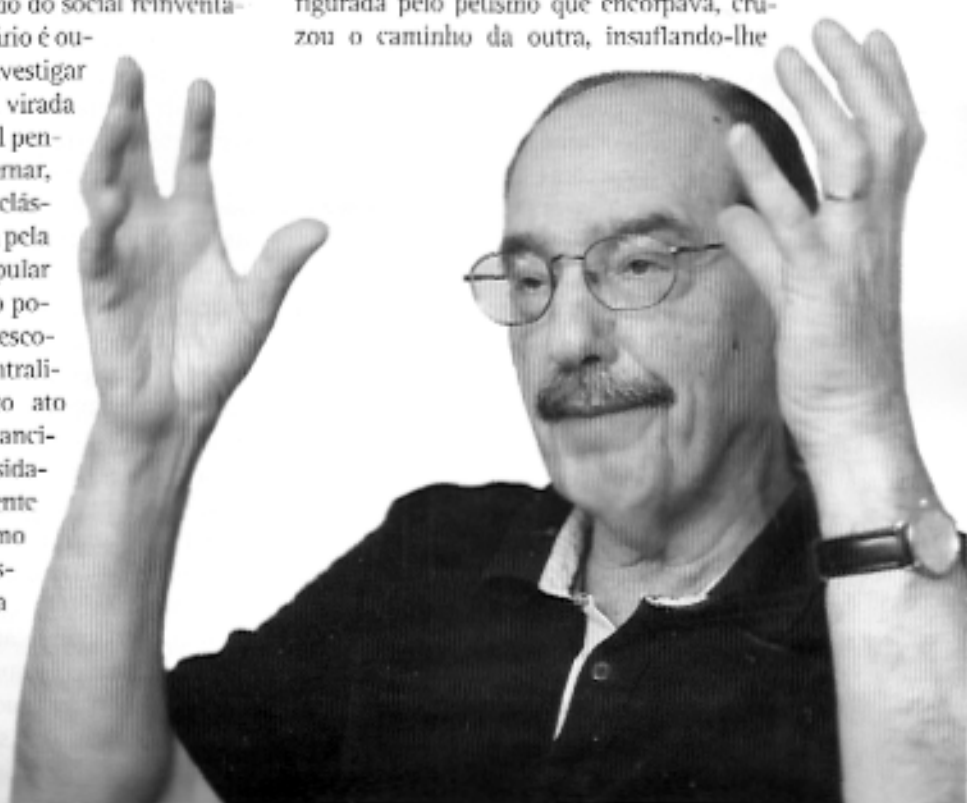
reis, vou me concentrar
O PT simplesmente in-
nda no Brasil, algo sem
a política. E isso muito
executivo federal. Não
tivo por contraste, tam-
com a social democra-
tocomunismo. Volto a
ial europeu é fruto do
ta. Por mais que aquele
as funções de acumula-
is pelo Estado então re-
ização do capitalismo
o e da Guerra, e a con-
todas as instituições do
de vista que a força so-
virada distributiva te-
za do recado enviado a
vinte com o fascismo
pensar em voltar ao es-
onflito de 1914-1945,
revolução voltará à or-
mbro de 1918 na Ale-
dade se poderia esperar
com uma ditadura que
E no entanto, encon-
meio absolutamente

inefeto no Brasil, esse o meu ponto. A decapitação
dos comunistas e de sua dissidência armada pelo
Golpe de 64 levou junto sua estratégia de tomada
do poder. Inútil especular sobre o que poderia ter
sido caso sobrevivesse à catástrofe. Um prefeito
comunista de São Paulo? Uma contradição em ter-
mos ou um decalque do PT, criador patenteador da
fórmula. No caminho da inédita conversão da
maioria social em maioria política, o confronto si-
multâneo com a ditadura e a combatida tradição
vanguardista das organizações leninistas, o PT foi
preparando o terreno para a recepção, digamos so-
cialista para abreviar, de noções e entidades que
também na Europa estavam estreado roupa nova,
da redescoberta da democracia na esteira do repú-
dio ao mundo soviético em ruínas ao reconheci-
mento da centralidade dos direitos, passando pela
reativação em nova chave da questão social. Gra-
ças à galáxia movimentista reanimada pelo PT nos
anos 80, o País conheceu uma inédita reinvenção
do "social". Aquele mesmo social que na Europa
foi criado para apaziguar o povo inconformado e
frustrado pelo casamento da república dos iguais
com a economia de mercado, no Brasil da dívida
social de nascença, a nova esquerda concebeu o
trabalho social como um prolongamento, quando

não a finalidade, do en-
gajamento político. E
com isso, entre outras
coisas, refundou o ser-
viço público que a Era
Vargas encaminhara e a
Ditadura abastardara.
Abriu-se o campo para
uma outra cultura de
governo, antecipada e

alimentada em seu marco zero pelas setoriais do
partido, como os veteranos devem lembrar e lasti-
mar a anemia. Que o governo do social reinventa-
do tenha dado no seu contrário é ou-
tra história que temos que investigar
a sangue frio. A meu ver, a virada
decisiva que tornou possível pen-
sar seriamente em governar,
desviando-se da estratégia clás-
sica dos dois passos seguida pela
esquerda clássica (poder popular
só depois da aniquilação do po-
der burguês), deveu-se à desco-
berta movimentista da centrali-
dade da política enquanto ato
fundador de uma esfera emanci-
pada do mundo das necessida-
des. A transição propriamente
dita pode ser descrita como
aquele tempo conjuntural es-
pecífico em que o dogma
materialista da política
como luta e dominação foi
abandonado e arquivado.
Quem jamais sonharia
com políticas públicas de
esquerda arrancadas de

um poder de Estado redescrito como uma agência
fornecedora de bens públicos na terra do patrimonialismo selvagem? E mais, em gestão de esquer-
da de políticas públicas? Resumo de época: nos en-
gajamos, e cada vez mais participativos, nunca nos
governamos tanto. É preciso tirar o chapéu. Pela
primeira vez governar, em sentido amplo, de um
mutirão de periferia ao gabinete de um mandato,
produzia conhecimento social inédito e seus agen-
tes específicos, uma espécie nova de intelectual
público, em cuja caixa de ferramentas se encon-
trava um sem número de novas habilidades, do
militante-socorrista ao pesquisador em missão.
Saúde pública e saneamento básico, para dar
exemplos antípodas, podiam agora gerar saberes
combativos e de fronteira. Ocorre que por essa ver-
tente, a tradição militante de que falávamos, no
momento mesmo em que rejeitava a redução da
política seja à dominação dos homens ou à mera
administração de coisas, reencontrava uma outra
costela de Adão do governo do Brasil, a dos assim
chamados homens públicos, tanto faz, ou muito
pouco, se conservadores, liberais e finalmente de-
senvolvimentistas, que simplesmente, ao começar
do nada, consolidaram o papel exclusivo do Esta-
do no processo, violento ao seu modo, de desen-
tranhar algo parecido com um país de uma colô-
nia de exploração mercantil. Miragem ou não, o
fato é que ergueram um Estado peculiar, sempre
na iminência de ser devorado pela praga nacional
do patrimonialismo, por sua vez, como lembrado
lá atrás, senha para o toque de reunir de todas as
vocações para a responsabilidade que animam a
tradição crítica brasileira, cujo lugar geométrico,
de um modo ou de outro, encontra-se nesse apa-
rato governativo a ser reconstruído ao término de
cada ciclo predatório. Ao também se tomar, ao seu
modo próprio, governo, a tradição militante, trans-
figurada pelo petismo que encorpava, cru-
zou o caminho da outra, insuflando-lhe



nova vida por assim dizer retrospectiva, reconhecendo-se sem dificuldade em figuras exemplares como Celso Furtado, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro etc. completando-se a conversão da classe trabalhadora organizada ao esforço nacional de desenvolvimento do poder do Estado. Tanto mais que este poder não definhou com as privatizações, pelo contrário, aumentou sua capacidade de estreitar os laços entre todos os agentes concernidos pela acumulação, nela incluída os fundos ligados ao sindicalismo financeiro. Falta mencionar, mas apenas mencionar, a terceira perna desse governo do Brasil que, em conjunto ou

sucessivamente, tucanismo e lulismo consolidaram. A redescoberta da política, como se viu, deixando para trás como reliquia arcaica a política da luta de classes, em qualquer de suas duas versões antagônicas, liberal e socialista, recebeu sangue novo também da reviravolta gestonária do mundo corporativo, que por seu turno também reinventou o social, mais exatamente a responsabilidade social, e tudo o mais que daí se segue, anunciando que a política dos políticos era mesmo o que as pessoas pensavam, um lixo. E tudo com muita participação e sociedade civil ativa e propositiva. Perversa ou não, deu-se uma confluência inédita, com o aparato estatal e adjacências operando segundo a mesma lógica gerencial. Não é que a reinvenção petista da política tenha sido anulada ou sequestrada, simplesmente seus futuros parceiros se puseram em movimento ao também se darem conta que seu público alvo se movera. Juntando as três pernas dessa fórmula tripartite de governo do País, teremos enfim identificado, na sua real natureza de tecnologia social de poder, o famigerado dispositivo chamado neoliberalismo. O PT foi um de seus inventores. Ao beijar a cruz estava mesmo contemplando sua própria imagem no espelho do capitalismo contemporâneo. Estava certo. Se então é para falar em "desgaste", ele se refere ao conjunto da obra em seus três atos e atores. Esse o alvo real das manifestações de junho e de tudo o mais que veio depois. Os que imaginam surfar daqui para frente no levante coxinha vão quebrar a cara se acharem mesmo que o petismo é o único alvo da raiva geral.

A esquerda está fadada a fazer concessões?

Como qualquer um que não seja psicopata. O problema é que em mais de uma ocasião, e, não por acaso, em alguns momentos decisivos, o PT exagerou na dosagem do princípio de realidade. Foi assim com a Carta aos Banqueiros em 2002. Mas agora, no momento em que lhes respondo, ao anunciar um ministério que deixaria Collor enrubescido, poucas semanas depois de entregar a

política econômica do novo mandato a um mero executivo da alta finança que acabara de derrotar nas urnas, embora os bancos lhe tivessem financiado a campanha tão generosamente quanto a do seu adversário, a presidente Dilma deu um passo à frente em direção a um princípio novo, o da irrealdade. É forte a impressão de completa desarticulação, de catatonia profunda mesmo. Pulsação de morte? Ante tamanho destrambelho decididamente a própria palavra "concessão" já não faz mais o menor sentido, se é que ainda fazia em nosso novo tempo do mundo, pois sempre en-

"FICO ACANHADO AO TER QUE LEMBRAR QUE ÓDIO DE CLASSE NO BRASIL NÃO TEM CURA. NOSSA SOCIOLOGIA CRÍTICA FORMOU-SE PROCURANDO ESCLARECER A NATUREZA DESSE MISTO DE ÓDIO E PÂNICO PROVOCADO POR TODA E QUALQUER INICIATIVA DESTINADA A ALVIAR A CARGA DE OPRESSÃO SECULAR"

cerrou um fundo de fé progressista no progresso, no caso progresso do esclarecimento social, onde o recuo de agora é a garantia do avanço mais à frente, assim na política como na guerra. Não mais. Tudo se passa como se o capitalismo desorganizado estivesse desorganizando também a sua própria oposição, sem receita.

não digo nem para salvá-lo *in extremis*, como fez quando sua sobrevida esteve por um fio à beira do apocalipse nazi, mas para escapar da mesma, esquerda histórica, ao abraço dos afogados. Pois é esta a ideia nova em torno da qual estamos girando: o falso triunfo do capitalismo na Guerra Fria finalmente está nos levando a conceber o fim do capitalismo não como um evento mas como um processo, o fim de um fenômeno histórico que assim como começou deve acabar, mas um fim cujo desenrolar não seguirá nenhum plano, nenhuma toupeira vai escavando túnel algum, não se trata de mais uma crise de longa duração abrindo janelas de oportunidades para movimentos reformistas ou revolucionários. Como no fundo ainda esperamos por eles, o máximo que conseguimos discernir em meio à neblina, e repudiar com desânimo redobrado, são rebeliões primitivas que reforçam ainda mais a desordem. Ainda não aprendemos a viver sem receita. Aliás, foi mais ou menos isso que anteviu outro sociólogo, Silvio Mielì, num breve comentário em torno de suas primeiras impressões das manifestações de junho. A seu ver, a idade épica das guerras e revoluções emendando umas nas outras, como na profecia verdadeira de Lênin, ou de Nietzsche, para as almas mais sensíveis, ficara definitivamente para trás, dando lugar a sublevações em que o corpo social se insurgirá através de uma série de atos profanatórios. Tudo somado, fazer ou não fazer "concessões" significava justamente naquele antigo tempo do mundo atrasar ou adiantar o relógio da história em cujo quadrante soaria a hora final. Só contemporizava quem julgava controlar o tempo, caso contrário era submeter-se à tirania da pequena política. Nossa imaginação continua prisioneira da ideia de uma intervenção salvadora que

estaque uma hemorragia fatal, cortando o mal pela raiz. Em 2008, o diagnóstico era de morte iminente do sistema por falência múltipla financeira. À beira do precipício, os poderes centrais competentes não pensaram duas vezes: decretaram o estado de emergência econômica e torraram trilhões na operação de resgate, mas ficou a impressão de que salvaram o mundo na hora H. Pergunta de veterano inconformado com a falta de ideias e iniciativa da esquerda mundial, salvo denunciar o esbulho ciclópico: por que diabos não nos antecipamos e puxamos nós o freio de emergência? Sair à rua em massa e indicar a porta de saída. Estávamos é claro certos, o leite derramado sobre o qual chorávamos logo se espalhou para a Europa e levou à bancarrota os governos europeus mais vulneráveis etc. Não é esse o ponto. Mas sim a lembrança que não se apaga, nem deve, de que após três anos de uma guerra do fim do mundo, à qual ninguém conseguia mais pôr um fim, os bolchevíques disseram: vamos acabar com a guerra, expropriar a terra e distribuí-la aos camponeses. Fico um pouco encabulado tendo que lembrar essas coisas.

O que o senhor espera do novo mandato de Dilma? Há esperança para um governo mais à esquerda?

Depende do fuso histórico da pergunta. No antigo, não espero nada, ou melhor, nada de novo. Nem a reviravolta pós-eleitoral tem novidade. A Presidente reeleita fez o que até as pedras de Brasília sabiam que faria, menos o seu eleitorado, que mesmo assim não deixaria de votar, tal o ambiente de luta mortal entre torcidas do mesmo time. Até o jogo duplo ensaiado pelas esquerdas, reunidas em frente única sob pretexto de combater a avalanche coxinha, é requeitado. O teatro de sempre, o *establishment* político de turno se divide em dois, uma metade vai para a rua e pressiona a outra metade palaciana a ceder alguns anéis, a qual reage na mesma moeda de troca, até que o equilíbrio se desfaça e o jogo recomece. Foi assim com Getúlio e seus dois partidos, o desfecho foi trágico, mas ganhou tempo para o mesmo jogo ainda ser jogado por Jango, com o desenlace que se sabe. Uma terceira encenação, se ocorrer, sairá de cartaz em plena temporada. Se lhe desse uma resposta no fuso de agora, começaria a me repetir lembrando que esta não é a boa expectativa, e me voltaria a repetir dizendo que, sendo o tempo político de horizonte zero, certamente haverá carta nova no baralho, mas o baralho será o mesmo, gerencial e penal, muita lei e ordem com 'n' programas "criativos" disso e daquilo se multiplicando como fogo de artifício enquanto a única demanda a realmente ser atendida será a de mais polícia.

Falamos hoje em "antipetismo", um esforço pela desconstrução do partido que traz aspectos de intolerância. Como o senhor vê essas manifestações e que lição tirar?

O antipetismo nasceu com o PT e só arrefeceu

sob a anestesia da trégua social atribuída ao carisma *pop* (Tales Ab' Saber) do seu líder. O preconceito é de nascença, e embora seja obviamente de classe, nele estão unidos o assim chamado povão e a classe média, já os endinheirados são pragmáticos e não ligam para ideologia, desde que o governo saia barato, como foi o caso até agora. Quanto aos aspectos preocupantes da desconstrução do PT, o mais saliente deles é que a tal desconstrução é principalmente obra dele mesmo, algo inédito na folha corrida filosófica dessa noção abstrusa, que até hoje não sei como foi parar no jargão marqueteiro. Dito isso, que o antipetismo não é coisa nova, passemos ao capítulo aparentemente novo, a marcha triunfal da intolerância, que aliás não é uma exclusividade nacional. Mas por que o espanto? É verdade que não estávamos mais acostumados a apanhar em manifestações públicas. Na velha política brasileira, pelo contrário, a regra era comício com muita pancadaria e não raro, tiro. Nossa transição pacificadora, além do mais, ao aprisionar a política na gaiola dourada do ordenamento jurídico levou o autoengano até o ponto de sugerir a miragem de que numa sociedade afinal pacificada até mesmo o antagonismo entre as classes expressaria o espírito mesmo das leis. E no entanto, não se multiplicaram por geração espontânea desde então os tais Núcleos de Estudos da Violência, convertendo pesquisadores de talento em zelosos operários da lei e da ordem. Portanto devagar com o andor da intolerância, há muita bala perdida no pedaço. Ela é um sintoma por assim dizer multilateral, não tem lado certo. Na República Velha, e nem tão velha assim, costumava-se dizer que governar é abrir estradas, e desde o Estado Novo, mandar prender. A Ditadura fundiu estas duas artes de governar em escala industrial, juntou megaprojetos com suplício, morte e desaparecimento. Pariu uma sociedade punitiva que só por preguiça mental e política botamos na conta sem fundo da escravidão. A esquerda hoje, seja lá o que isso queira dizer, costuma se esquecer de que em sua longa marcha cívica iniciada no apagar das luzes da Ditadura, é verdade que sem se dar muita conta, principiou também a surfar na nova onda punitiva e disciplinadora da virada gerencial capitalista e que não se restringe apenas à dimensão penal, como no encarceramento em massa dos pobres e demais "desprivilegiados", estendendo-se até os confins das menores células de sofrimento do mundo do trabalho. Afinal a esquerda preparava-se para apresentar-se como alternativa de governo e, portanto era conveniente deixar para trás seu passado abolicionista penal, entre outras tradições libertárias do socialismo obviamente antigo. O fato histórico inédito é que desde então consolidou-se entre nós uma esquerda punitiva, como Maria Lucia Karam batizou o monstro. É só rebaixar o horizonte, e olhe que estávamos deixando uma ditadura para trás, para que o demônio punitivista salte da garrafa, invadindo qualquer sorte de plataforma

de luta ao exigir punição exemplar para toda sorte de violação, ou desvio, na visão de seus pares antagônicos da nova direita. Homofobia, racismo, sexismo? Obviamente na forma da lei, mas punição sem choro nem vela, quem discordaria? Num ambiente de consenso em torno dos direitos humanos, ninguém. Antes de procurar saber se este consenso estaria se desmanchando por conta exclusiva da intolerância de ultradireita e se estaríamos de volta aos tempos dos "direitos humanos só para humanos direitos", dos inconformados com a extensão da alforria branca dos presos políticos ao povo barbarizado das prisões, seria muito útil voltar a lembrar que a propagação do discurso dos direitos humanos, tanto nos círculos bem pensantes dos outrora formadores de opinião, como nos círculos responsáveis pela conformação da nova razão governamental em vigor no Brasil pós-ditadura, se deu por um claro viés punitivista. Penso num estudo pioneiro de Helena Singer, complementar à identificação da esquerda punitiva por Maria Lucia Karam. Legislar e governar segundo o consenso dos direitos humanos também é mandar prender. "O senhor deveria sair algemado deste debate!" Não há quem discorde. O que se pede para sexistas, torturadores, corruptos, poluidores, motoristas negligentes? Cadeia, a mesma que a Constituição Cidadã reservou para os racistas. Assim como a alternativa à tirania do tráfico nas comunidades só pode ser outra coerção, a das UPPs, nossos ativistas espontaneamente traduziam a linguagem dos direitos gravemente violados em culpabilização, penalização e punição. Se confio na disciplina do castigo e na eficiência penal do poder punitivo, por que não confiariam no poder de transformação social da polícia, um trabalho social como outro qualquer? O renascimento cívico da esquerda culminou num consenso legalista em torno da política como moral e direito aplicados. Com que roupa se opor à fúria moralista da nova direita? Tudo se passa como se lamentassem o consenso perdido, justamente em torno do recurso à virtude curativa do castigo. Sendo esse o quadro histórico de fundo, o que significa, por exemplo, ser implacável na luta contra a homofobia? Poderia substituir o implacável por outro termo mais ameno, mas o espírito seria o mesmo. A saber, que a proteção de minorias estigmatizadas só estaria plenamente assegurada, para além dos discursos edificantes de tolerância e esclarecimento das trevas do preconceito, através de intervenções do sistema penal, que só poderá ser acionado obviamente mediante a criminalização das práticas e condutas odiosas.

O poder punitivo é o que é, uma tremenda máquina de confiscar conflitos e fabricar inimigos. A dissonância cognitiva não poderia ser maior.

A palavra de ordem do capitalismo hoje é punir os pobres, na expressão consagrada por *LoïcWacquant*. Não só prender e arrebentar os desviantes de sempre, antigos e novos, mas na outra ponta, castigar com a austeridade fiscal, entre outras disciplinas, os endividados, os imprevidentes, os populistas etc. Enquanto isso, correndo dos novos comandos de caça aos comunistas batemos nas portas da lei como uma vez o camponês que não sabia que era personagem de uma parábola de Kafka. Mal comparando: é o que dizem os ativistas sul-africanos a propósito da derrocada dos movimentos sociais no pós-*apartheid*. Trocamos a ação combativa direta na construção do poder popular, dizem eles, pela rotina da apelação aos tribunais às portas dos quais se apresentam indivíduos estropiados em seu sofrimento individualizado clamando pelos direitos prometidos pela constituição: invariavelmente perdem. Aqui também será preciso periodizar. Como lembrei, a democracia das vítimas e seus violadores, consensualmente organizada em torno dos direitos humanos, era uma visão específica de quadros virtualmente dirigentes, além do mais numa conjuntura em que a hegemonia intelectual e moral estava com a coalizão liberal-progressista que conduzira a transição. Quando essa visão se estabilizou e rotinizou na forma de secretarias de Estado e convenções internacionais, além do mais tutelada por operadores burocratizados do direito, sobretudo em sua variante penal, como acabamos de ver, uma atmosfera benigna de fim de linha pareceu impregnar todos os agentes concernidos, tanto faz se eleitoralmente à direita ou à esquerda. Contra o pano de fundo incontroverso de que a racionalidade econômica capitalista vencera, destacava-se o Estado Democrático de Direito como horizonte insuperável de nosso tempo. Conver-

gindo todos para o centro, para falar à moda antiga, os extremos estariam mortos e enterados. Até que, para espanto geral, a ultradireita renasceu das cinzas, primeiro nos Estados Unidos, depois na

Europa, com toda força, livre para odiar. Seu desembarque no Brasil, em princípio pacificado pelo pacto conservador lulista, foi ainda mais surpreendente. A guerra voltou, mas no consenso básico não se toca, e, como vimos, não é só econômico, todo mundo quer criminalizar todo mundo. Mas é lá embaixo, na casa de máquinas da nova produtividade capitalista que o motor da crueldade social continua a funcionar a todo vapor. Não é só visão moral do mundo, embora o mérito do grande despertar para a luta final inegavelmente caiba à ultradireita que a esta altura já está engolindo toda a galáxia bem-pensante, aliás nem um pouco contrafeita. **C**

Aray Nabuco e Lilian Primi são jornalistas.

"É TOTALMENTE VÃ A PROCURA DO SUJEITO ANTAGÔNICO CLÁSSICO, POIS SEU APODRECIMENTO OCORRE PELA INEXISTÊNCIA DE QUALQUER MOLÉCULA ANTICAPITALISTA"